



ORGULHO
ASTECA

VOLUME 1 DE 2

Tradução de Carlos Romão

GARY JENNINGS



I H S



S. C. C. M.

*Santificada, Cesárea, Católica Majestade,
O Imperador Dom Carlos, nosso Senhor Rei:*

Que a graça, a paz e a misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com Vossa Majestade Dom Carlos, pela graça divina eternamente Augusto Imperador e que com vossa estimada mãe a Rainha Dona Joana que, junto com Vossa Majestade, pela graça de Deus, Reis de Castela, Leão, Aragão, duas Sicílias, Jerusalém, Navarra, Granada, Toledo, Valência, Galiza, Maiorca, Sevilha, Sardenha, Córdoba, Córsega, Múrcia, Jaén, Ilhas Caraíbas, Algeciras, Gibraltar, Ilhas Canárias, Índias, Ilhas e Terra Firme do Mar Oceano; Condes da Flandres e do Tirol, etc.

Muito afortunado e Excelentíssimo Príncipe: desde esta cidade de Tenochtitlan-México, Capital do seu domínio da Nova Espanha, a doze dias depois da Assunção, no ano do nascimento do Nosso Salvador Jesus Cristo, de mil e quinhentos e vinte e nove, vos saúdo.

Há somente dezoito meses, Vossa Majestade, que nós, o mais humilde dos vassalos, em atenção ao vosso mandato, assumimos este cargo por triplo folio nomeado: o primeiro Bispo do México, Protector dos Índios e Inquisidor Apostólico, tudo num na nossa pobre pessoa. Nos primeiros nove meses desde a nossa chegada a este Novo Mundo, aguardava-nos muito e muito árduo trabalho por fazer.

De acordo com o real mandato desta nomeação, temo-nos esforçado zelosamente «em instruir os índios no dever de ter e de adorar o único e Verdadeiro Deus, que está no céu, e por Quem todas as criaturas vivem e são mantidas», e além disso «para instruir e familiarizar os índios na Mui Invenível e Católica Majestade, o Imperador Dom Carlos, a quem por mandato da Divina Providência, o mundo inteiro deve servir e obedecer».

Inculcar estas lições, Senhor, não tem sido fácil para nós. Há um ditado aqui entre os nossos companheiros espanhóis, que já existia muito antes da nossa chegada: «Os índios não ouvem senão pelas suas nádegas.» No entanto, tratamos de ter em mente que estes índios — ou Aztecas, como actualmente a maioria dos espanhóis chama a esta tribo ou nação em particular — miseráveis e empobrecidos espiritualmente, são inferiores ao resto da humanidade; por conseguinte, na sua insignificância, merecem toda a nossa tolerante indulgência.

Além de atender à instrução dos índios de que unicamente há Um Só Deus no céu e o Imperador na terra, a quem devem servir todos eles, que têm vindo a ser vossos vassalos, e além de tratar outros muitos assuntos civis e eclesiásticos, nós temos tentado cumprir o mandato pessoal de Vossa Majestade: preparar prontamente uma relação das condições desta *terra paena-incognita*, as suas maneiras e modos de vida dos seus habitantes, os seus costumes, etc., que anteriormente predominavam nesta terra de trevas.

A Real Cédula de Vossa Altiva Majestade especifica que para podermos fazer a crónica requerida sejamos informados pessoalmente «por índios anciãos». Isto foi causa de uma pequena busca, posto que, à total destruição da cidade pelo Capitão General Hernán Cortés, ficaram muito poucos índios anciãos de quem se pode obter uma história oral verídica. Inclusivamente os trabalhadores que actualmente reconstroem a cidade são na sua maior parte mulheres, anciãos decrépitos que não puderam tomar parte nas batalhas, crianças e incultos camponeses, trazidos dos arredores à força. Todos eles boçais.

No entanto, pudemos seguir o rasto de um índio ancião (de mais ou menos sessenta e três anos) capacitado para nos ajudar com esta crónica. Este *mexícatl* — pois nega os apelativos de azteca e índio — tem para os da sua raça um alto grau de inteligência, é possuidor da pouca educação que se dava em tempos passados nestes lugares e foi em seu tempo escrivão do que passa por ser escrita entre estas gentes.

Durante a sua vida teve numerosas ocupações à parte a de escrivão: guerreiro, artesão, mercador viajante e inclusivamente uma espécie de embaixador entre os últimos governantes deste lugar e os primeiros libertadores castelhanos. Devido a essa tarefa, pôde absorver medianamente parte da nossa linguagem. Apesar de que raras vezes comete erros em castelhano, nós, claro, desejamos precisar todos os seus detalhes. Assim é que trouxemos como intérprete um jovem com bastantes conhecimentos de *náhuatl* (que é como os Aztecas chamam à sua linguagem gutural de feias e alongadas palavras). Na sala disposta para estes interrogatórios, reunimos também quatro dos nossos escrivães. Estes frades

são versados na arte da escritura veloz de caracteres conhecidos como notas tironianas, que se usa em Roma para executar os *memoranda* das palavras do Santo Padre e também para anotar os discursos de muitas gentes ao mesmo tempo.

Pedimos ao azteca que se sentasse e relatasse a sua vida. Os quatro frades garatujaram afanosamente os seus caracteres tironianos, sem perder uma palavra que saltava dos lábios do índio. *Saltar?* Melhor seria dizer que as palavras chegavam até nós como a torrente de uma cascata, alternativamente repugnantes e corrosivas. Em breve vereis o que desejamos dizer, Senhor. Desde o primeiro momento em que abriu a boca, o azteca mostrou grande irreverência pela nossa pessoa, o nosso hábito e o nosso ofício como missionário, que vossa Reverenda Majestade escolheu pessoalmente para nós, e consideramos que esta falta de respeito é um insulto implícito ao nosso Soberano.

Seguem-se imediatamente a esta introdução, as primeiras páginas da narração do índio. Senhor, este manuscrito sairá de Tezuitlan da Vera Cruz depois de amanhã, à salvaguarda do Capitão Sánchez Santoveña, mestre da caravela *Gloria*.

Dado que a sabedoria, sagacidade e distinção de Vossa Cesárea Majestade são conhecidas universalmente, arriscamo-nos ao desprazer de Vossa Imperial Majestade, atrevido-nos a fazer um prefácio a estas páginas unidas com *caveat*, mas, na nossa qualidade episcopal e apostólica, estamos sinceramente desejosos de cumprir com a Cédula de Vossa Majestade, em mandar uma relação verdadeira de tudo o que vale a pena conhecer desta terra. Outros à parte de nós, dir-vos-ão que os índios são criaturas miseráveis nas quais quase não se podem encontrar vestígios de humanidade; que nem sequer têm uma linguagem compreensivelmente escrita; que nunca tiveram leis lavradas, senão apenas costumes e tradições bárbaras; que sempre e ainda são viciados em todo o tipo de intemperanças, paganismo, ferocidade e luxúria; que até recentemente torturavam e tiravam a vida violentamente por causa da sua diabólica «religião».

Não cremos que uma relação válida e edificante possa ser obtida de um informador como este azteca arrogante ou de qualquer outro indígena, ainda que esta seja clara. Tampouco podemos crer que o nosso Santificado Imperador Dom Carlos não se sinta escandalizado pela iniquidade, lascívia e ímpia charlatanice deste altaneiro exemplar de uma raça desprezível. Os papéis anexados são a primeira parte da crónica do índio, como já referimos. Desejamos fervorosamente e confiamos em que também por ordens de Vossa Majestade seja a última.

Que Nosso Senhor Jesus Cristo guarde e preserve a preciosa vida e mui real pessoa e mui católico estado de Vossa Majestade por largo tempo,

com muito mais acrescentamentos de reinos e senhorios, segundo os desejos do vosso real coração.

De S.C.C.M., por sempre fiel vassalo e capelão.

(ecce signum) Fr. JUAN DE ZUMÁRRAGA

Bispo do México
Inquisidor Apostólico
Protector dos Índios



INCIPT:

Crónica relatada por um velho índio da vulgarmente chamada tribo aze-teca, cuja narração foi dirigida a Vossa Excelência, o Mui Reverendo Don Juan de Zumárraga, Bispo da Sé do México e anotada *verbatim ab origine* por:

FREI GASPAR DE GAYNA J.
FREI TORIBIO VEGA DE ARANJUEZ
FREI JERÓNIMO MUÑOZ G.
FREI DOMINGO VILLEGAS E YBARRA
ALONSO DE MOLINA, *interpres*



DIXIT:

Meu senhor,

Perdoai-me, meu senhor, que não conheça o vosso formal e digno tratamento honorífico, mas confio em não ofender o meu senhor. Vossa mercê é um homem e jamais algum homem entre todos os homens que conheci na minha vida se ressentiu por ter sido chamado senhor. Pelo que, meu senhor.

Ou, Vossa Excelência, não é assim?

Ayyo, um tratamento ainda mais esclarecido, o que nós chamamos nestas terras um *ahuaquáhuítl*, uma árvore de grande sombra. Seja então Vossa Excelência.

Estou muito impressionado que uma personagem de tão eminente excelência tenha chamado uma pessoa como eu, para falar na vossa presença.

Ah, não, que Vossa Excelência não se enfade se lhe parecer que estou a adular, Vossa Excelência. Corre o rumor por toda a cidade, e também os vossos servidores aqui presentes o manifestaram de forma simples, de quão augusta é vossa mercê como homem, Vossa Excelência, enquanto eu não sou mais do que um trapo gasto, uma migalha do que fui noutros tempos. Vossa Excelência está adornado com ricos atavios, seguro da vossa conspícua excelência, e eu, sou apenas eu.

Mas Vossa Excelência deseja ouvir o que fui. Isso, também me foi explicado. Vossa Excelência deseja saber o que era a minha gente, esta terra, as nossas vidas nos anos, nos feixes de anos, antes que parecesse à Excelência do vosso Rei dever libertar-nos, com os seus crucíferos e os

seus besteiros, da nossa escravidão a que os nossos costumes bárbaros nos tinham levado.

Será correcto? Então o que me pede Vossa Excelência está longe de ser fácil. Como nesta pequena sala, provindo do meu pequeno intelecto, no pequeno tempo dos deuses... de Nosso Senhor, que permitiu preservar os meus caminhos e os meus dias... como posso evocar a imensidão do que era o nosso mundo, a variedade dos seus povos, os sucessos dos feixes atrás de feixes de anos?

Pense, Vossa Excelência; imagine-o como uma árvore de grande sombra. Veja na sua mente a sua imensidão, os seus poderosos ramos e os pássaros que habitam entre eles; a folhagem luxuriante, a luz do sol através dela, a frescura que deixa cair sobre a casa, sobre uma família; a menina e o menino que éramos a minha irmã e eu. Poderia Vossa Excelência comprimir essa árvore dentro de uma bolota, como a que uma vez o pai de Vossa Excelência empurrou entre as pernas de vossa mãe?

Yya, ayya, desagradei a Vossa Excelência e consternei os escrivães. Perdoai-me, Vossa Excelência. Devia ter suposto que a cópula privada dos homens brancos com as suas mulheres brancas deve ser diferente, mais delicada, do que aquela que eu os vi realizar com força, com as nossas mulheres, em público, e certamente a cópula cristã da qual foi produto Vossa Excelência deve ter sido ainda mais delicada que...

Sim, Vossa Excelência, Vossa Excelência, desisto.

Mas Vossa Excelência pode dar-se conta da minha dificuldade. Como tornar possível que Vossa Excelência possa ver, com um único olhar, a diferença entre o nosso «então» inferior e o vosso «agora» superior? Talvez baste uma pequena ilustração para que não necessite de se incomodar em ouvir mais.

Olhe Vossa Excelência para os seus escrivães; no nosso idioma chamamos-lhes «os conhecedores de palavras». Eu também fui escrivão e lembro-me bem do difícil que era transmitir, com alguma precisão, ao papel de fibra, de couro de veado, de casca de árvore, os esqueletos das datas e acontecimentos históricos. Às vezes, até a mim era difícil ler os meus próprios desenhos em voz alta sem tartamudear, poucos momentos depois das tintas terem secado.

Mas os vossos conhecedores de palavras e eu temos praticado enquanto esperávamos a chegada de Vossa Excelência, e estou assombrado, maravilhado com o que qualquer dos vossos reverendos escrivães pode fazer. Podem escrever e ler-me não apenas a substância do que falo, mas também cada uma das palavras e com todas as entoações, as pausas e as expressões do meu discurso. Pensaria que se trata de uma capacidade extraordinária de memória e de imitação, nós também tínhamos os nossos

«memoristas» de palavras, mas dizem-me, demonstram-me, comprovam-me que tudo aparece escrito nas suas folhas de papel. Saiba Vossa Excelência que me felicito a mim mesmo, por ter aprendido a falar o vosso idioma com a pouca perfeição que puderam alcançar o meu pobre cérebro e a minha pobre língua, mas a sua escrita estaria fora do meu alcance.

Na nossa escrita pictórica as próprias cores falavam, cantavam ou choravam, as cores eram necessárias. Tínhamos muitas: vermelho sangue, magenta, ouro ocre, verde *ahuácatl*, azul-turquesa, *chocólatl*, cinzento barro, preto de meia-noite. Mesmo assim, não eram adequadas para captar cada palavra individual, por não mencionarem os matizes e o hábil uso das frases. No entanto, qualquer dos vossos conhecedores de palavras pode fazer precisamente isso: anotar para sempre cada parte de palavra com apenas uma pena de ganso, em vez de um molho de canas e pincéis. E o que é mais maravilhoso, com *uma única cor*, a decocção do preto óxido que me dizem ser tinta.

Pois bem, Excelência, aí tendes em resumo a diferença entre nós, os índios, e vós, os homens brancos, entre a nossa ignorância e os vossos conhecimentos, entre os nossos tempos passados e o vosso novo dia. Satisfará Vossa Excelência o simples facto de que uma pena de ganso tenha demonstrado o direito do vosso povo para governar, e o destino do nosso povo para ser governado? Certamente que é tudo o que Vossa Excelência deseja de nós, os «índios»: a confirmação da conquista vitoriosa que foi decretada, não pelas vossas armas e artifício, nem sequer pelo vosso Deus Todo-Poderoso, mas sim pela vossa inaudita superioridade sobre as criaturas menores que nós somos. Vossa Excelência não necessitará mais de mim ou das minhas palavras.

A minha esposa é velha e doente e não tem quem trate dela, e ainda que eu não possa fingir que lamenta a minha ausência, esta incomoda-a. Enferma e irascível, não é bom que se aborreça, não me convém. Pelo que com sincero agradecimento a Vossa Excelência pela forma benévola com que Vossa Excelência recebeu este velho miserável, vou-me embora.

Rogo-vos que me desculpeis, Excelência. Como vós já me fizestes notar, não tenho a vossa autorização para me ir embora quando me der na vontade. Estou ao serviço de Vossa Excelência por todo o tempo que...

Repito as minhas desculpas. Não tinha dado conta de que estive a repetir «Vossa Excelência» mais de trinta vezes durante este breve colóquio, nem que o tenho estado a dizer num tom especial de voz. Mas não posso contradizer a anotação escrupulosa dos vossos escrivães. De agora em diante tentarei moderar a minha irreverência e o meu entusiasmo pelo vosso título honorífico, Senhor Bispo, e manter um tom de voz irreprensível. E como me ordena, continuo.

Mas agora, o que vou dizer? O que gostaríeis de ouvir?

Pelos nossos padrões, a minha vida tem sido longa. Não morri durante a infância, como acontece com muitas das nossas crianças. Não morri no campo de batalha, nem fui sacrificado em qualquer cerimónia religiosa, como aconteceu a muitos por sua própria vontade. Não sucumbi ao excesso de bebida, ao ataque de um animal selvagem ou à lenta decomposição do Ser Comido pelos Deuses. Não morri por ter contraído nenhuma das muitas outras doenças terríveis que os vossos barcos nos trouxeram, pelas quais tantos milhares de milhares pereceram. Sobrevivi ainda aos deuses, que seriam para sempre imortais. Sobrevivi a mais de um feixe de anos, para ver, fazer, aprender e recordar muito. Mas nenhum homem pode saber tudo, nem sequer do seu próprio tempo, e a vida nesta terra começou imensuráveis tempos antes da minha. Somente da minha vida posso falar. Somente da minha, que posso fazer voltar como uma sombra de vida por meio da vossa oxidada tinta negra.

«Havia um esplendor de lanças, um esplendor de lanças!»

Um ancião da nossa ilha de Xaltócan começava sempre assim as suas histórias sobre batalhas. Nós, que o escutávamos, éramos de imediato cativados e seguíamos a narração absortos, mesmo que descrevesse as batalhas menos importantes, e uma vez contados os acontecimentos precedentes e os que estavam para vir, talvez resultasse num conto frívolo e que não merecesse a pena ser narrado. No entanto, tinha a habilidade de chegar imediatamente ao momento mais dramático do relato, para depois ir discorrendo à volta da narração. Eu, pelo contrário, apenas posso começar pelo princípio e avançar no tempo exactamente como o vivi.

Tudo o que agora declaro e afirmo, aconteceu. Narro apenas o que se passou, sem inventar ou falsear. Beijo a terra, o que quer dizer: juro.

Oc ye neccha — «Era uma vez,» como dizeis — quando na nossa terra nada se movia com maior rapidez do que os nossos mensageiros-velozes, excepto quando os deuses se mexiam, e não havia ruído mais forte do que o grito longínquo dos nossos pregoeiros, excepto quando os deuses falavam. No dia a que nós chamamos Sete Flor, no mês do Deus Ascendente no ano Treze Coelho, o deus da chuva, Tlaloc, era o que falava mais alto numa tempestade ressoante, o que era pouco habitual, já que a estação das chuvas deveria ter terminado. Os espíritos tlalóque que serviam o deus Tlaloc estavam a bater com as suas forquilhas de luz, abrindo as grandes arcas das nuvens, despedaçando-as com grande rugido de trovões e cuspidando violentamente as suas cascatas de chuva.

Na tarde desse dia, no meio do tumulto causado pela tempestade, numa pequena casa na ilha de Xaltócan, nasci da minha mãe para começar a morrer.

Como vedes, para tornar a crónica mais clara, encarreguei-me de aprender o vosso calendário. Calculei a data do meu nascimento no vigésimo dia do vosso mês chamado Setembro, no vosso ano numerado com mil e quatrocentos e sessenta e seis. Foi durante o reinado de Motecuzóma Illuicamina, no vosso idioma o Furioso Senhor que Dispara as suas Flechas Para o Céu. Ele era o nosso Uey-Tlatoáni ou Venerado Orador, o nosso título para aquele a que chamais rei ou imperador. Mas o nome de Motecuzóma ou de qualquer outro nada significava então para mim.

Nesse tempo, ainda quente do ventre materno, é indubitável que estava muito mais impressionado por ser imediatamente mergulhado numa bacia de água fria. Nenhuma parteira me explicou a razão desta prática, mas suponho que é devida à teoria de que, se o recém-nascido pudesse sobreviver a esse espantoso choque, também o poderia fazer a todas as enfermidades que se sofrem na infância. De qualquer maneira, devo ter-me queixado a plenos pulmões, enquanto a parteira me enfaixava e a minha mãe desatava os nós das cordas que a haviam mantido atada, enquanto ajoelhada me expelira para o chão, e enquanto o meu pai enrolava, com cuidado, a um pequeno escudo de madeira talhado para mim, o bocado cortado do meu cordão umbilical.

Mais tarde, o meu pai daria esse objecto ao primeiro guerreiro mexícatl que encontrasse e a este seria confiada a tarefa de o enterrar em algum lugar do próximo campo de batalha a que fosse destinado. Então o meu *tonáli* (destino, fortuna, sorte ou como lhe queirais chamar) deveria incitar-me sempre a ser um guerreiro, a ocupação mais honrosa para a nossa classe de gente, e também para morrer no campo de batalha; esta era a morte mais honrosa para os nossos. Disse «deveria», porque ainda que o meu *tonáli* frequentemente me tenha impelido ou enviado para várias direcções, inclusivamente para o meio do combate, nunca me senti atraído a lutar e morrer com violência antes de tempo.

Devo também mencionar que, de acordo com o costume, o cordão umbilical da minha irmã Nove Cana fora enterrado, havia menos de dois anos, debaixo da lareira da casa onde nascemos. O cordão dela tinha sido amarrado à volta de um fino fuso de barro, pelo que se esperava que, ao crescer, fosse uma esposa boa, laboriosa e enfadonha. Não foi tal. O *tonáli* de Nove Cana foi tão caprichoso como o meu.

Depois da minha imersão e de ser enfaixado, a parteira falou-me directamente com voz solene, se é que eu a deixava ser ouvida. Creio que não preciso de vos dizer que não estou a repetir de memória nada do que

foi dito quando nasci, mas conheço todos esses rituais. O que a parteira me disse naquela tarde, ouvi-o dito a muitos recém-nascidos, como era costume fazer aos varões. Este foi um dos muitos rituais recordados e nunca esquecidos desde tempos imemoriais. Por meio dos nossos ancestrais mortos há muito tempo, é transmitida aos vivos a sua sabedoria, desde o momento do nosso nascimento.

A parteira deu-me o nome de Sete Flor. O nome do dia do nascimento seria o meu até ter passado os perigos da infância, ou seja, até que tivesse sete anos, em cuja idade se poderia supor que viveria o suficiente para poder crescer; ser-me-ia dado então um nome de adulto mais distintivo.

Ela disse:

— «Sete Flor, muito amado e terno menino que ajudei a dar à luz, tenho aqui a palavra que nos foi dada há muito tempo pelos deuses. Nascestes desta mãe e deste pai só para seres guerreiro e servo dos deuses. Este lugar em que acabas de nascer não é o teu verdadeiro lar.»

E prosseguiu:

— «Sete Flor, estás prometido ao campo de batalha. O teu mais importante dever é dar de beber ao sol o sangue dos teus inimigos e alimentar a terra com os cadáveres dos teus oponentes. Se o teu *tonáli* for forte, estarás por muito pouco tempo entre nós e neste lugar. O teu verdadeiro lar será na terra do nosso deus-sol, Tonatíu.»

E disse ainda:

— «Sete Flor, se cresceres até morrer como um *xochimiqui*, um dos muito afortunados que alcançam o mérito suficiente de ter uma Morte Florida, na guerra ou no sacrifício, viverás outra vez, eternamente feliz em Tonatíucan, o outro mundo do sol e servirás Tonatíu para todo o sempre e regozijar-te-ás ao seu serviço.»

Posso ver Vossa Excelência estremecer. Eu também o teria feito se então tivesse podido compreender essas tristes boas-vindas a este mundo, ou as palavras que os nossos vizinhos e parentes disseram depois, que encheram a pequena divisão para ver o recém-nascido, cada um deles, inclinando-se sobre mim, para fazer a saudação tradicional: «Vieste para sofrer. Para sofrer e perseverar.» Se todos os recém-nascidos pudessem compreender esta saudação, contorcer-se-iam e voltariam para o ventre da mãe, consumindo-se nele até voltarem a ser uma semente.

Não há dúvida que viemos a este mundo para sofrer e perseverar. Qual o ser humano que não o fez? Mas as palavras da parteira sobre o ser guerreiro e os sacrifícios mais não eram do que a repetição do canto da cotovia. Ouvi muitas outras arengas tão edificantes como estas, do meu pai, dos meus mestres, dos nossos sacerdotes, e dos vossos, todas elas ecos insensatos do que, por sua vez, eles ouviram de gerações passadas através dos

anos. Pela minha parte, cheguei a acreditar que os que morreram há muito tempo não eram em vida mais sábios do que nós, e que com as suas mortes não acrescentaram qualquer brilho de sabedoria. Sempre considerei as palavras pomposas dos mortos, como nós dizemos *yca mapilxocóitl*, como o meu dedo mindinho, ou como vós dizeis «como um grãozinho de sal».

Crescemos e olhamos para baixo, envelhecemos e olhamos para trás. *Ayyo*, mas o que era ser uma criança... ser uma criança! Ter todos os caminhos e os dias a estenderem-se ao longe, para a frente, para cima. Todavia nenhum deles desperdiçado, perdido ou do qual nos possamos arrepende. Tudo era novo e novidade no mundo, como uma vez o foi para o nosso Senhor Ometecútl e a nossa Senhora Omecíhuatl, o Primeiro Casal, os primeiros seres de toda a criação.

Sem qualquer esforço recorro aos sons recolhidos na minha memória, que de novo me chegam aos ouvidos envelhecidos do amanhecer na nossa ilha de Xaltócan. Fui muitas vezes acordado pelo canto de Pássaro Madrugador, Pápan, gritando as suas quatro notas: «papaquiqui!, papaquiqui!», convidando o mundo a «levantar-se, cantar, dançar, ser feliz!» Outras vezes despertava-me um som ainda mais cedo; era a minha mãe a moer o milho no *métilatl* de pedra, a sovar e a dar forma à massa de milho, para em seguida a converter nos pães finos e redondos, os deliciosos *tlaxcali*, que conheceis como *tortilhass*. Houve mesmo manhãs em que acordei mais cedo que todos, com excepção dos sacerdotes do deus-sol Tonatíu. Deitado na escuridão ouvia soprar os búzios marinhos, que emitiam balidos e roncões ásperos, no alto do templo da modesta pirâmide da nossa ilha, no momento em que queimavam o incenso e cortavam ritualmente o pescoço de uma codorniz (porque a ave é pintalgada como uma noite de estrelas) e cantavam num rítmico som ao seu deus. «Vê como a noite morreu. Vem agora e mostra-nos a tua obra bondosa, oh jóia única, oh águia das alturas, vem agora alumiar e dar calor ao Mundo Único...»

Sem qualquer esforço, ou dificuldade, recorro aos meios-dias quentes, em Tonatíu, o Sol, brandia ferozmente, com todo o seu primitivo vigor, as suas flamejantes lanças, enquanto se levantava e batia contra o tecto do universo. Naquela deslumbrante luz-dourada do meio-dia, as montanhas que rodeavam o lago de Xaltócan pareciam suficientemente perto para se poderem tocar. De facto, esta é a minha mais antiga recordação; não teria mais de dois anos e ainda não havia em mim qualquer sentimento de distância, o dia e o mundo à minha volta eram ofegantes e eu só queria tocar numa coisa fresca. Ainda recorro ao meu infantil sorriso quando, ao esticar o braço para fora, não consegui sentir o azul do bosque da montanha à minha frente, tão perto e tão nítido.

Sem qualquer esforço, recordo também o findar dos dias, quando Tonatíu se cobria com o seu manto de brilhantes penas para adormecer, deixando-se cair sobre a uma macia cama de pétalas coloridas e submergir no sono. Fugia-nos da vista, para Mictlan, o Lugar da Escuridão. Dos quatro mundos onde iríamos habitar depois da nossa morte, Mictlan era o mais profundo; era a morada da morte total e irredimível, o local em que *nada* acontece, nunca aconteceu e jamais acontecerá, Tonatíu era misericordioso já que, por algum tempo (um pequeno espaço de tempo durante o qual nos podíamos aperceber do quão pródigo era para connosco) emprestaria a sua luz (uma pequena luz, apenas atenuada pelo seu sono) ao Lugar da Escuridão, da morte irremediável e sem esperança.

Entretanto, no nosso Mundo Único, em Xaltócan, de qualquer modo o único mundo que eu conhecia, as neblinas pálidas e azuladas surgiam do lago de tal maneira que as enegrecidas montanhas que o rodeavam pareciam flutuar sobre elas, no meio de águas vermelhas e purpúreos céus. Então, exactamente por cima do horizonte, por onde Tonatíu tinha desaparecido, flamejando aí ainda um momento, Omexóchitl, surgia a Flor do Entardecer, a estrela vespertina. Esta estrela, a Flor do Entardecer, vinha, vinha sempre para nos garantir que apesar da escuridão da noite não deveríamos recear que *essa* noite não escureceria para sempre nas trevas totais e negras do Lugar da Escuridão. O Mundo Único viveu e viveria por mais algum tempo.

Sem qualquer esforço recordo as noites e uma em particular. Metztli, a Lua, tinha terminado a sua refeição mensal de estrelas e estava cheia e satisfeita, tão enfartada na sua redondeza e brilho que a figura do coelho-na-lua estava tão nitidamente gravada como uma escultura talhada num templo. Nessa noite, suponho que teria três ou quatro anos de idade, o meu pai pôs-me aos ombros e as suas mãos agarraram fortemente os meus tornozelos. As suas largas passadas levaram-me de uma fresca claridade para uma escuridão ainda mais fresca: o luar alternando com as sombras projectadas pela lua por baixo dos ramos estendidos das emplumadas folhas das «mais velhas das árvores», as *ahuehuetque* ou ciprestes.

Por essa altura, já era suficientemente crescido para poder ter ouvido falar das terríveis armadilhas que nos esperavam na escuridão da noite, ocultas da visão de qualquer pessoa. Ali estava Chocacíhuatl, a Chorona, a primeira de todas as mães que morreu ao dar à luz; vagueando para sempre, lamentando para sempre a morte do filho e a perda da própria vida. Ali estavam os troncos sem nome, sem cabeça e sem membros, que conseguiam gemer estrebuchando no chão cegos e desesperados. Ali estavam as caveiras sem corpo e descarnadas pairando no ar, caçando os viajantes desprevenidos, apanhados pela escuridão da noite. Se algum mortal che-

gasse a vislumbrar essas coisas, sabia que era um presságio certo de morte ou de infortúnio.

Havia outros habitantes das trevas, mas não eram tão pavorosos, por exemplo, havia o deus Yoali Ehécatl, o Vento da Noite, que soprava fortemente ao longo dos caminhos nocturnos, tentando agarrar qualquer incauto que caminhasse na escuridão. Mas o Vento da Noite era tão caprichoso como qualquer vento. Às vezes agarrava alguém e depois libertava-o, e quando isto se passava, também concedia à pessoa qualquer desejo que o seu coração ansiasse e uma longa vida para o gozar. Sendo assim, com a esperança de o deus ter sempre esse indulgente estado de ânimo, há muito tempo que a nossa gente construiu bancos de pedra em várias encruzilhadas da ilha, para que o Vento da Noite pudesse descansar dos seus ímpetos. Como já disse, eu era suficientemente crescido para conhecer e temer os espíritos das trevas. Mas naquela noite, sentado sobre os largos ombros do meu pai, estando temporariamente mais alto do que qualquer homem, roçando o meu cabelo pelas frondes sussurrantes dos ciprestes e com o meu rosto acariciado pelos raios da lua, não sentia medo algum.

Sem esforço recorde essa noite, porque pela primeira vez me foi permitido presenciar a cerimónia de um sacrifício humano. Era um ritual menor, uma homenagem a uma divindade inferior: Atláua, o deus dos caçadores de aves. (Naqueles dias, o lago de Xaltócan transbordava de patos e gansos que nas suas temporadas ali acorriam pausadamente para descansar, comer e alimentar-nos.) Assim é que, nessa noite de lua cheia, no princípio da temporada de caça às aves aquáticas, só um *xochimíqui*, um homem apenas, seria ritualmente sacrificado para a grandeza da glória do deus Atláua. O homem não era, desta vez, um guerreiro cativo indo para a sua Morte Florida com regozijo ou com resignação, mas sim um voluntário avançando tristemente para a morte.

— «Já estou quase morto — dissera aos sacerdotes —. Sufoco como um peixe fora da água. O meu peito faz um grande esforço para conseguir tomar mais ar, mas o ar já não me nutre. Tenho os meus membros débeis, a vista enevoadada, a cabeça às voltas, desmaio e caio. Prefiro morrer de uma vez, em lugar de saltitar como um peixe fora da água, até que por fim me afogue.»

O homem era um escravo da nação dos Chinantéca, situada longe, para Sul. Este povo era, e ainda é, afectado por uma curiosa doença que parece correr indubitavelmente pelas linhagens de certas famílias. Eles e nós chamamos-lhe a Doença Pintada e vós, os espanhóis, chamam agora aos chinantéca o Povo Pinto, porque a pele dos que a doença aflige está manchada de um azul lívido. De alguma maneira, o corpo vê-se impos-

sibilitado de fazer uso do ar que respira, pelo que morre por sufocação da mesma forma que um peixe morre ao ser retirado do elemento que o sustenta.

O meu pai e eu chegámos à margem do lago, onde, um pouco mais longe, havia dois postes grossos espetados na areia. A noite que nos rodeava estava iluminada com o fogo das urnas, e enevoada pelo fumo do incenso. Através deste dançavam os sacerdotes de Atláua: homens velhos, completamente negros, as vestes negras, as caras negras e os longos cabelos emaranhados e endurecidos pelo *oxitl*, a resina preta do pinheiro com que os nossos caçadores de aves mascarravam as pernas e a parte posterior do corpo para se protegerem do frio, quando andavam a vau pelas águas do lago. Dois sacerdotes tocavam música ritual com flautas fabricadas com ossos de pernas humanas, enquanto outro batucava num tambor. Tratava-se de um tipo especial de tambor adequado especialmente à ocasião: uma abóbora gigante e oca por dentro, parcialmente cheia de água, de modo a flutuar meio submersa na superfície do lago.

O *xochimíqui* foi levado para o círculo de luz, de onde se elevava o fumo. Estava nu, nem sequer trazia o *maxtlatl* básico que normalmente cobre os quadris e as partes íntimas. Ainda à luz vacilante do fogo podia ver que o seu corpo não tinha a cor da pele manchada de azul, mas sim um azul de morto com um toque aqui e ali de cor de carne. Foi estendido entre os dois postes e amarrado por um tornozelo e um pulso a cada um deles. Um sacerdote ondulava uma flecha na mão, como o faria aquele que dirige um coro de cantores, enquanto entoava uma invocação:

— «Damos-to a ti, Atláua, o fluido da vida deste homem, misturado com a água da vida do nosso amado lago Xaltócan. Damos-to a ti, Atláua, para que em troca te dignes a enviar as tuas ninhadas de aves até às redes dos nossos caçadores...» E assim por diante.

Isto continuou o tempo suficiente para me aborrecer, se é que não aborreceu também Atláua. Então, sem qualquer ritual florido, sem qualquer aviso, o sacerdote baixou de repente a flecha e cravou-a com todas as suas forças, puxando-a depois para cima, torcendo-a, dentro dos órgãos genitais do homem azul. A vítima, por muito que tivesse desejado aliviar-se desta vida, deu um grito. Uivou e ululou com um grito tão agudo e penetrante que ultrapassou o som das flautas, do tambor e do canto. Gritou sim, mas não por muito tempo.

O sacerdote, com a flecha ensanguentada, marcou uma cruz à maneira de alvo sobre o peito do homem, e todos os sacerdotes começaram a dançar em círculo à volta dele, levando cada um um arco e muitas flechas. Cada vez que um deles passava em frente ao *xochimíqui*, cravava uma flecha no peito arquejante do homem azul. Quando a dança ter-

minou e todas as flechas tinham sido usadas, o homem morto parecia uma espécie aumentada do animal a que chamamos o pequeno porco-espinho.

A cerimónia consistia em pouco mais. O corpo foi desamarrado das estacas e atado com uma corda à parte de trás de um *acáli* de caçador, que tinha estado à espera na areia. O caçador levou a sua canoa para o meio do lago, fora do alcance da nossa vista, rebocando o cadáver até que este se afundou pela acção da água que penetrou nos orifícios naturais e nos produzidos pelas flechas. Assim recebeu Atláua o seu sacrifício.

O meu pai colocou-me outra vez aos ombros e regressou atravessando a ilha com as suas grandes passadas. À medida que me balançava no alto, sentindo-me salvo e seguro, fiz um voto pueril e arrogante. Se alguma vez o meu *tonáli* me seleccionasse para a Morte Florida do sacrifício, mesmo que para um deus desconhecido, não gritaria, não importava o que me fizessem, nem a dor que me infringissem.

Criança tola. Acreditava que a morte apenas significava morrer corbardemente ou com valentia. Naquele momento da minha jovem vida, segura e abrigada, sendo levado para casa aos ombros do meu pai, para desfrutar de um sono doce do qual seria despertado no novo dia pelo canto do Pássaro Madrugador, como poderia saber o que realmente significa a morte?

Naqueles dias acreditávamos que um herói morto ao serviço de um senhor poderoso ou sacrificado em homenagem a uma alta divindade garantia uma vida sempre eterna no mais esplendoroso dos mundos do além, onde seria recompensado e contemplado com bem-aventuranças por toda a eternidade. Agora, o cristianismo diz-nos que *todos* podemos ter a esperança de uma vida eterna num esplêndido céu semelhante, mas consideremos. Ainda que o mais heróico dos homens morresse pela mais honrosa das causas, ainda que o mais devoto dos cristãos morresse como mártir com a certeza de alcançar o Céu, nunca voltariam a sentir as carícias que os raios lunares deixaram cair sobre os seus rostos, em sombras de luz, enquanto caminham por baixo dos ramos dos ciprestes deste mundo. Um prazer frívolo, tão pequeno, tão simples, tão vulgar, mas nunca mais voltarão a desfrutá-lo.

Vossa Excelência demonstra impaciência. Perdoai-me Senhor Bispo, a minha velha mente impulsiona-me algumas vezes a sair do caminho recto, para o labirinto de uma labiríntica vereda. Bem sei que algumas coisas que disse e outras que direi não serão consideradas por vós informações estritamente históricas. No entanto, rezo para alcançar a vossa indulgência, já que não sei se terei outra oportunidade de contar estas coisas. E por tudo o que conto, não conto tudo o que se poderia contar...

Recuando outra vez à minha infância, não posso pretender que esta tenha sido extraordinária em nenhum sentido, para a nossa época e lugar, posto que eu era nem mais nem menos que um menino vulgar. Os números do dia e do ano do meu nascimento não foram nem afortunados nem desafortunados. Quando nasci não ocorreu nenhum portentoso no céu — como, por exemplo, um eclipse que mordesse a Lua, o que me poderia ter roído um lábio numa forma parecida, ou ter sombreado permanentemente o meu rosto com uma marca de nascimento. Não tive nenhuma dessas características físicas que a nossa gente considerava como feios defeitos num homem: não tive cabelo encrespado; nem orelhas em forma de asas de jarro; nem queixo fendido ou duplo; nem protuberantes dentes de coelho; nem o nariz achatado, nem tão pouco pronunciadamente bicudo; nem o umbigo saído; sinais visíveis. Felizmente para mim, o meu cabelo negro cresceu liso e macio, sem nenhum remoinho que o levantasse ou eriçasse.

O meu companheiro de infância, Chimáli, tinha um desses remoinhos encrespados e durante toda a sua juventude, prudentemente e ainda com medo, conservou-o muito curto e esticado com *oxitl*. Lembro-me que uma vez, quando éramos crianças, teve que andar com uma abóbora na cabeça durante um dia todo. Os escritvões sorriem; é melhor que eu explique.

Os caçadores de aves de Xaltócan apanhavam patos e gansos da maneira mais prática e em grande número, estendendo sobre a água compridas redes presas por varas cravadas aqui e ali nas partes pouco profundas e avermelhadas do lago; então, fazendo muito barulho, assustavam as aves, de maneira que estas começavam a voar repentinamente, ficando presas nas redes. No entanto, nós, as crianças de Xaltócan, tínhamos o nosso próprio método, verdadeiramente astuto. Cortávamos a parte de cima de uma abóbora e deixávamo-la oca, fazendo-lhe um buraco pelo qual podíamos ver e respirar, púnhamos a dita abóbora na cabeça e, chapinhando, aproximávamo-nos do lugar onde os patos e os gansos nadavam placidamente no lago. Como os nossos corpos eram invisíveis dentro de água, as aves não pareciam encontrar nada de alarmante numa ou duas abóboras que se aproximavam flutuando lentamente. Acercávamo-nos o suficiente para agarrar as patas da ave e com um rápido esticão metíamos-na dentro de água. Nem sempre era fácil; até um marreco pequeno podia debater-se e lutar contra um rapazinho, mas geralmente conseguíamos manter as aves submersas até sufocarem e ficarem débeis. A manobra raras vezes causava perturbação no resto do bando que nadava perto.

Chimáli e eu passávamos o dia nesse desporto e quando nos sentimos cansados e desistimos de continuar, tínhamos amontoado na margem um respeitável número de patos. Foi nesse momento que descobrimos que o *óxitl* que Chimáli usava para baixar o remoinho se dissolvera com o banho, e o tufo de cabelo espetado atrás da cabeça parecia o penacho usado por alguns dos nossos guerreiros. Estávamos na ponta da ilha mais distante da nossa aldeia, o que significava que Chimáli tinha que atravessar todo o Xaltócan com aquele aspecto.

— «*Ayya, pochéoa!*», queixou-se. Esta expressão refere-se apenas a uma ventosidade malcheirosa e fedorenta, mas se tivesse sido ouvida por um adulto ter-lhe-ia valido uns bons açoites com uma vara espinhosa, pois era uma expressão demasiado veemente para uma criança de oito ou nove anos.

— «Podemos voltar pela água, — sugeri —, e nadar à volta da ilha, sem ficarmos muito afastados da margem.»

— «Talvez tu o possas fazer, — disse-me Chimáli. — Eu estou tão cheio de água e tão sem alento que me afundaria em seguida. É melhor esperarmos que anoiteça para regressar a pé para casa.»

— «Durante o dia corres o risco de que um sacerdote veja o teu remoinho e dê notícia dele, mas na escuridão corres o risco de te encontrar com algum monstro mais terrível, como o Vento da Noite. Eu estou contigo, assim, és tu que decides.» — disse eu.

Sentámo-nos a pensar por um bocado e entretanto, inconscientemente, pusemo-nos a comer formigas do mel. Nessa época do ano havia-as por todo o lado e os seus abdómenes estavam cheios de mel. Pelo que, apanhávamos os insectos e mordíamos-lhes o traseiro para chupar uma gota de mel, mas como destilavam muito pouco, por mais formigas que comêssemos não aplacávamos a fome.

— «Já sei! — disse por fim Chimáli. — Levarei a minha abóbora na cabeça durante todo o caminho de regresso a casa.»

E foi o que fez. Claro que não conseguia ver muito bem pelo buraco da abóbora, de modo que eu tinha de o guiar, se bem que viéssemos bastante carregados com o peso dos nossos patos mortos. Isto significava que Chimáli tropeçava continuamente, caindo entre as raízes das árvores ou nos regos da estrada. Por sorte a cabaça não se fez em pedaços. No entanto, ri-me dele durante todo o caminho, os cães ladravam-lhe e como o crepúsculo nos caiu em cima antes de chegarmos a casa, Chimáli poderia ter alarmado ou aterrorizado qualquer pessoa que, viajando ao anoitecer, o tivesse visto.

Mas de contrário, aquilo não seria motivo de riso. Havia uma boa razão para que Chimáli fosse sempre consciente e cuidadoso com o seu

incómodo cabelo. E é que, como vereis, qualquer criança com um remoinho era especialmente preferida pelos sacerdotes quando precisavam de um jovem para os seus sacrifícios. Não me perguntem porquê. Nunca nenhum sacerdote me disse porquê. Pois, quando é que um sacerdote tem de nos dar uma boa razão para impor regras irracionais pelas quais nos faz viver, ou para nos fazer sentir o medo, a culpa ou a vergonha que temos que sofrer quando algumas vezes as violamos?

Isso não significa que queira dar a impressão que qualquer de nós, novos ou velhos, vivêssemos em constante apreensão. Excepto por uns quantos caprichos arbitrários, como essa predilecção dos sacerdotes por rapazes com remoinhos no cabelo, a nossa religião e os sacerdotes que a interpretavam não nos faziam exigências muito onerosas. Nenhuma das outras autoridades tampouco o fez. Devíamos obediência aos nossos soberanos e governantes, claro, tínhamos certas obrigações para com os *pí-piltin* nobres e prestávamos atenção aos conselhos dos nossos *tlatimatintin*, os homens sábios. Eu tinha nascido na classe média da nossa sociedade, os *macehualtin*, «os afortunados», assim chamados porque estávamos livres das pesadas responsabilidades das classes altas, bem com estávamos igualmente livres de ser maltratados como o eram frequentemente as classes baixas.

No nosso tempo havia poucas leis, deliberadamente poucas, para que cada homem as pudesse guardar, todas, no seu coração, não sua cabeça, e não tivesse uma desculpa para as quebrar aludindo ignorância. Por isso, não estavam escritas como as vossas, nem eram afixadas em locais públicos como fazeis; assim, um homem não tinha que estar continuamente a consultar a longa lista de éditos, regras e regulações, para poder assim medir até a sua mais pequena acção, para ver «se deveria» ou «não deveria». Conforme as vossas normas, as nossas poucas leis podem parecer-vos ridículas, e os castigos pelas suas infracções parecer-vos-ão indevidamente rigorosos. As nossas leis foram feitas para o bem de todos e todos lhes obedeciam, conhecendo de antemão as espantosas consequências de não as acatar. Aqueles que não o fizeram, desapareceram.

Por exemplo, de acordo com as leis que haveis trazido de Espanha, um ladrão é castigado com a morte. Também é assim para nós. No entanto, pelas vossas leis, um homem faminto que roube qualquer coisa para comer é um ladrão. Não era assim no nosso tempo. Uma das nossas leis dizia que em qualquer campo de milho à beira dos caminhos públicos, as quatro primeiras fileiras de plantas eram acessíveis aos caminhanes. Assim, qualquer viajante podia apanhar quantas maçarocas precisasse para encher a barriga vazia. Mas o homem que, por avareza, procurando enriquecer, saqueasse essa seara de milho para a recolher numa saca, para

o guardar, ou para o negociar, se fosse apanhado, morreria. Deste modo, essa lei englobava duas coisas boas: que o ladrão fosse curado para sempre de roubar e que o homem faminto não morresse de fome.

As nossas vidas, eram regidas mais do que por leis, por costumes e tradições, conservadas por largos anos; muitas delas geriam a vida dos adultos, das tribos ou comunidades inteiras. Mesmo quando era criança, respondendo ainda pelo nome de Sete Flor, já me apercebera da insistência tradicional de que um varão deve ser corajoso, forte, educado, trabalhador e honesto e que uma mulher deve ser modesta, casta, gentil, trabalhadora e humilde.

O tempo que não passei a brincar com os meus brinquedos — a maior parte dos quais miniaturas de armas de guerra ou réplicas das alfaias de trabalho usadas pelo meu pai — e o tempo que não passei a brincar com Chimáli, com Tlatli e com outras crianças da minha idade, passei-o na companhia do meu pai, que ainda não estava a trabalhar na pedreira. Se bem que lhe chamasse Tete, como todas as crianças chamam infantilmente aos pais, o seu nome era Tepetzalan, que significa Vale, como a terra baixa entre as montanhas do local do continente em que tinha nascido. Como cresceu muito acima da estatura normal dos nossos homens, esse nome que lhe tinham dado aos sete anos tornou-se depois ridículo. Todos os nossos vizinhos e os seus companheiros na pedreira o tratavam por alcunhas referentes à sua altura: como Mão-cheia de Estrelas, Cabeça Inclinada e outras parecidas.

Claro que tinha de baixar muito a cabeça quando me dirigia as práticas tradicionais de pai para filho. Se por acaso me via a imitar descaradamente o andar arrastado do velho corcovado que recolhia o lixo da nossa aldeia, dizia-me severamente:

— «Tem cuidado em não troçares dos anciãos, dos doentes, dos aleijados ou de qualquer pessoa que tenha caído nalgum erro ou transgressão. Não os insultes nem depreciés, humilha-te antes diante dos deuses e treme, para que não lancem sobre ti as mesmas misérias.»

Ou se eu mostrava pouco interesse no que o meu pai me tentava ensinar sobre o seu ofício, já se esperava que qualquer rapaz *macehuali* que não aspirasse à vida de guerreiro, seguisse os passos do pai, ele acorava-se e dizia-me severamente:

— «Não fujas de qualquer tarefa que os deuses te indiquem, meu filho, debes antes ficar satisfeito. Rezo para que eles te outorguem méritos e boa sorte, mas qualquer coisa que te dêem, recebe-a com gratidão. Ainda que te dêem apenas um pequeno dom, não o desdenhes, porque os deuses podem tirar-te o pouco que tens. No caso da dádiva ser muito grande, talvez um grande talento, não sejas orgulhoso nem te vanglories, lembra-te

antes que os deuses devem ter negado esse *tonáli* a outra pessoa, para que tu o pudesses ter.»

Algumas vezes, sem instigação alguma e com o seu rosto enorme ligeiramente enrubescido, o meu pai dar-me-ia um pequeno sermão que não tinha qualquer significado para mim. Algo como:

— «Vive de maneira limpa e não sejas dissoluto, ou os deuses aborrecer-se-ão e cobrir-te-ão de infâmia. Controla-te, filho, até conheceres a rapariga que os deuses te destinaram para ser tua esposa, porque eles sabem tratar de todas as coisas com proibidade. Sobretudo, nunca brinques com a esposa de outro homem.»

Aquilo parecia-me uma recomendação desnecessária, porque eu vivia de maneira muito limpa. Como todos os outros mexicátl, à excepção dos nossos sacerdotes, tomava banho duas vezes por dia com água quente e ensaboada, nadava frequentemente no lago e periodicamente suava os restantes maus humores na casita de vapor da aldeia. Limpava os dentes de manhã e à noite com uma mistura de mel e cinza branca. Quanto a brincar, eu não conhecia nenhum homem na ilha que tivesse uma esposa da minha idade, e de qualquer modo, nós, os rapazes, não incluíamos as meninas nas nossas brincadeiras.

Todas esta prédicas de pai para filho nada mais eram do que sermões sem sentido, transmitidos através de gerações, palavra por palavra, como o discurso da parteira no momento do meu nascimento. Só nestas ocasiões o meu pai Tepetzalan falava demoradamente; de contrário, era um homem taciturno. O barulho que havia na pedreira não deixava lugar para prédicas e em casa a tagarelice incessante e enfadonha da minha mãe não lhe dava oportunidade de dizer sequer uma palavra. Tete não se importava. Sempre preferira a acção às palavras, e ensinou-me mais com o seu exemplo do que com as suas arengas papagueadas. Se ao meu pai faltavam algumas qualidades que se esperava existirem nos nossos homens, força, coragem e tudo o mais, esse defeito consistia apenas em deixar-se intimidar e insultar pela minha Tene.

A minha mãe era uma das mulheres menos típicas entre todas as da nossa classe de Xaltócan: a menos modesta, a menos dócil, a menos humilde. Era uma briguenta consumada, a tirana da nossa pequena família e a que atazanava todos os nossos vizinhos. No entanto, considerando-se um modelo de perfeição, tinha caído num estado de insatisfação perpétuo e enfadonho em relação a tudo o que a rodeava. Se aprendi algo útil da minha Tene, foi estar por vezes insatisfeito *comigo mesmo*.

Lembro-me de ter sido castigado fisicamente pelo meu pai apenas numa ocasião. Quando o merecia plenamente. Nós, os rapazes tínhamos autorização e ainda éramos estimulados a matar as aves que, como os cor-

vos e os melros, debicavam as colheitas do nosso jardim, o que fazíamos com zarabatanas de cana que expeliam umas pequenas bolas de barro. Um dia, por qualquer perversidade travessa, soprei uma bolinha contra uma pequena codorniz domesticada que tínhamos em nossa casa. (A maioria das casas tinham uma ave destas como animal doméstico, para matar os escorpiões e outro tipo de bichos.) Então, para aumentar o meu crime, tratei de culpar o meu amigo Tlátli da morte da ave. Não custou muito ao meu pai averiguar a verdade. O assassinato da inofensiva codorniz podia ter sido moderadamente castigado, mas não o pecado estritamente proibido de *mentir*. O meu Tete teve que me infligir o castigo prescrito por «falar cuspiendo muco», que era como chamávamos a uma mentira. Ele sentiu-se mal quando o fez. Atravessou o meu lábio inferior com um espinho de *maguey*¹, deixando-o lá até à hora de ir dormir. *Ayya ouíya*, a dor, a mortificação, a dor, as lágrimas de remorso, a dor!

Este castigo deixou-me uma marca tão profunda que, por minha vez, o deixei gravado nos arquivos da nossa terra. Se vistes a nossa escrita-pintada, tereis observado pinturas de pessoas ou de outros seres com um pequeno símbolo enrolado como um pergaminho emanando deles. Esse símbolo representa um *náhuatl*, que significa uma língua, uma linguagem, um discurso ou um som. Isso significa que a figura está a falar ou a emitir um som. Se o *náhuatl* está enrolado mais do que o normal e elaborado com o símbolo de uma borboleta ou de uma flor, significa que a pessoa está a declamar poesia ou a cantar. Quando me tornei escritão, agreguei outra figura à nossa escrita-pintada: o *náhuatl* atravessado por um espinho de *maguey* e rapidamente todos os escritões o adoptaram. Assim, quando virem esse símbolo diante de uma figura, saberão que se está a ver a representação de alguém que mente.

Os castigos que mais frequentemente a minha mãe nos dava eram infligidos sem demoras, sem compaixão ou remorso; e suspeito que até mais com algum prazer em causar dor, do que em corrigir. Esses, talvez, não tenham deixado legado na história-pintada desta terra como a língua atravessada por um espinho, mas certamente afectaram a história das nossas vidas: a da minha irmã e a minha. Recordo uma noite ter visto a minha mãe bater com um molho de urtigas nas nádegas da minha irmã, por a menina ter sido culpada de imodéstia. Devo dizer-vos que imodéstia não tem para nós o mesmo significado que para vós, os homens brancos: entendemos por imodéstia a indecente exposição de alguma parte do corpo que deve estar coberta pela roupa.

Em questões de roupa, nós, as crianças de ambos os sexos, andáva-

¹ Pita ou Piteira, uma espécie de Cacto (N. do T.)

mos completamente nus, até termos quatro ou cinco anos de idade, dado que a temperatura o permitia. Depois cobríamos a nossa nudez com um longo rectângulo de pano tosco que atávamos a um ombro e enrolávamos o resto à volta do corpo, até metade da coxa. Quando éramos considerados adultos, ou seja aos treze anos, nós, os varões, começávamos a usar o *maxtlatl*, a tanga, por baixo do nosso manto exterior. Mais ou menos pela mesma idade, dependendo do seu primeiro sangramento, as raparigas recebiam a tradicional blusa e saia das mulheres, além de uma roupa interior muito parecida ao que vós chamais fralda.

Perdoai se a minha narração está cheia de pequenos detalhes, mas tento determinar o tempo da sova da minha irmã. Nove Cana tinha recebido o nome de Tzitzilíni algum tempo antes — o que quer dizer «o som de campainhas a tocar» —, sendo assim, tinha mais de sete anos. No entanto, vi as suas partes inferiores serem açoitadas até ficarem esfoladas, o que quer dizer que ainda não usava roupa interior, portanto ainda não tinha feito os treze anos. Considerando todas estas coisas, calculo que tivesse uns dez ou onze anos. E o que tinha ela feito para merecer aquela sova, a única coisa de que era culpada, tinha sido murmurar, sonhadora: «Oíço tambores e música a tocar. Pergunto-me onde estão a dançar esta noite?». Para a nossa mãe, aquilo era uma falta de modéstia. Tzitzilíni ansiava a frivolidade quando deveria apenas aplicar-se no tear ou em qualquer outra coisa igualmente entediante.

Conheceis o *chili*? Aquela vagem vegetal que usamos na nossa comida? Se bem que haja diversos graus de picante entre as diferentes variedades, todos os *chiltin* são tão picantes ao paladar, mas tão picantes, que não é de estranhar que o nome de *chili* derive das nossas palavras «afiar» e «aguçar». Como qualquer cozinheira, a minha mãe utilizava os *chilis* de forma normal, mas também tinha outro uso para eles, que quase titubeio ao mencionar, posto que os vossos inquisidores já têm suficientes instrumentos de tortura.

Um dia, quando tinha quatro ou cinco anos, sentei-me com Tlátlí e Chimáli à porta do nosso pátio, a jogar *patóli*, «o jogo dos feijões». Não era o jogo que os homens mais velhos jogavam, também chamado *patóli*, que várias vezes havia causado a ruína de uma família ou a morte de alguém numa zaragata. Não, nós, os três rapazes, tínhamos simplesmente desenhado um círculo na terra e cada um pôs um *choloani*, um feijão-saltador, no centro. O objectivo do jogo era ver qual dos feijões, aquecidos pela acção do sol, seria o primeiro a saltar para fora do círculo. O meu tinha tendência a fraquejar e eu rosnei uma imprecação, talvez dissesse «*pocheoa!*» ou qualquer coisa do género.

De repente, vi-me de cabeça para baixo, suspenso sobre a terra. A

minha Tene tinha-me agarrado com violência pelos tornozelos. Vi as caras invertidas de Chimáli e Tlatli, os seus olhos e bocas abertas da surpresa, antes de eu ter sido arrebatado para dentro de casa e até junto da lareira. A minha mãe agarrou-me de forma a poder deixar uma mão livre para atirar para o lume um punhado de *chilis* encarnados e secos. Quando crepitavam lançando um fumo denso e amarelado, a minha Tene pegou-me mais uma vez pelos tornozelos e suspendeu-me de cabeça para baixo sobre esse fumo. Deixo à vossa imaginação os momentos seguintes, mas creio que estive a ponto de morrer. Lembro-me que durante as duas semanas seguintes os meus olhos choravam continuamente e mal podia enxergar e não conseguia inspirar, sem sentir que estava a inalar chamas e pederneiras.

Porém, considere-me um felizardo, pois os nossos costumes não ditavam que um rapaz passasse tanto tempo na companhia da mãe e já tinha uma boa razão para não ficar na sua companhia. Por isso fugia dela, como o meu amigo Chimáli, o do cabelo hirsuto, fugia dos sacerdotes da ilha. Se bem que ela me fosse procurar para ordenar alguma tarefa ou recado, sempre me podia refugiar na segurança da colina onde estavam os fornos de cal. Os canteiros tinham a crença de que nunca se deveria permitir que uma mulher se aproximasse dos fornos, de contrário a qualidade da cal ficaria a perder, e nem sequer uma mulher como a minha mãe se atreveria a fazê-lo.

No entanto, a pobre Tzitzilíni não tinha tal refúgio. De acordo com o costume e com a sua *tonáli*, uma mulher tinha de aprender o trabalho de mulher e esposa: cozinhar, fiar, tecer, coser, bordar. Assim, a minha irmã devia passar a maior parte do dia debaixo dos olhos vigilantes e da ágil língua da nossa mãe. A sua língua não perdia uma oportunidade para fazer à minha irmã um dos tradicionais discursos de mãe para filha. Quando Tzitzí me repetiu alguns, estivemos de acordo em que tinham sido confeccionados, por alguma antepassada distante, mais para benefício da mãe do que da filha.

«Deves atender sempre, filha, ao serviço dos deuses e dar conforto aos teus pais. Se a tua mãe te chamar não esperes que te chame duas vezes, vai imediatamente. Quando te ordene uma tarefa, não respondas com insolência e não demonstres renúncia em cumpri-la. Ou mais ainda, se a tua Tene chamar outro e esse não acorrer rapidamente, vai *tu* mesma ver o que ela deseja e fá-lo tu, e fá-lo bem.»

Outros sermões eram conselhos típicos sobre a modéstia, a virtude e a castidade, e nem sequer Tzitzí e eu conseguimos encontrar erro neles. Sabíamos que desde que ela fizesse os treze anos, e até que não tivesse mais ou menos vinte e dois e estivesse adequadamente casada, nenhum homem poderia sequer falar-lhe em público, nem ela a ele.

«Se num local público te encontrares com um jovem de quem gostes, não o demonstres, não lhe dês qualquer sinal, não aconteça que vás inflamar as suas paixões. Guarda-te das familiaridades impróprias com os homens, não cedas aos impulsos primitivos do teu coração ou turvarás o teu carácter como faz o lodo à água.»

Provavelmente, Tzitzilíni nunca teria desobedecido a essa sensata proibição. Mas quando tinha doze anos começou a sentir, certamente, as primeiras sensações sexuais e alguma curiosidade a respeito do sexo. Talvez para ocultar o que considerava sentimentos impróprios e indizíveis, tratou de os soltar sozinha e em segredo. A única coisa que sei é que um dia a nossa mãe regressou inesperadamente a casa, vinda do mercado, e encontrou a minha irmã recostada na sua esteira, nua da cintura para baixo, praticando um acto que eu não percebi senão muito depois. Tinha-a encontrado a brincar com as suas partes *tepili*, utilizando um pequeno fuso de madeira para esse efeito.

Oiço Vossa Excelência murmurar e vejo que recolhe as saias da sotaina de uma maneira quase protectora. Ofendi-vos de alguma forma ao contar-vos com toda a franqueza o que se passou? Tentei não utilizar palavras vulgares para o narrar. Suponho que, dado que essas palavras vulgares abundam nos nossos respectivos idiomas, os actos que descrevem não são estranhos entre os nossos povos.

Para castigar a ofensa que Tzitzilíni fez contra o seu próprio corpo, a nossa Tene pegou num frasco que continha o pó de *chili* seco e apanhando um punhado esfregou-o violentamente, queimando as expostas e tenras partes *tepili*. Ainda que sufocasse os gritos da filha, tapando-lhe a boca com a colcha, ouvi-os, fui a correr e perguntei entrecortadamente:

— «Devo ir chamar o médico?»

— «Não, um médico, não! — gritou violentamente a nossa mãe —. O que a tua irmã fez é demasiado vergonhoso para que se saiba para além destas paredes!»

Tzitzilíni sorvia o seu pranto e também ela me pediu:

— «Não estou muito mal, irmãozinho, não chames o médico, não menciones isto a ninguém, nem sequer ao nosso Tete. E mais, procura esquecer que sabes qualquer coisa sobre isto, peço-te.»

Talvez tivesse ignorado a minha mãe tirana, mas não a minha querida irmã. Se bem que então não soubesse a razão pela qual recusava ajuda, respeitava-a e saí dali para me preocupar e interrogar sozinho.

Agora julgo que deveria ter feito *qualquer coisa*! Penso que, pelo que aconteceu mais tarde, a crueldade infligida pela nossa mãe nessa altura, que tencionava desalentar os incipientes desejos sexuais da minha irmã,

teve um efeito completamente contrário. Creio que, desde então as partes *tepili* da minha irmã queimavam como uma garganta empolada pelo *chili*, quentes e sedentas, clamando por ser apagadas. Creio que não teriam passado muitos anos até que a minha querida irmã Tzitzilíni fosse «enforcarse no caminho», como nós definimos uma rameira depravada e promíscua. Essa era a profundidade mais sórdida em que poderia cair uma jovem *mexícatl* decente, ou pelo menos assim pensava até que conheci o destino ainda mais terrível em que a minha irmã caiu.

Qual foi a sua conduta, no que ela se tornou e como lhe chegaram a chamar, contá-lo-ei na devida altura. No entanto, aqui, quero apenas dizer uma coisa. Quero dizer que, ela sempre foi e sempre será a Tzitzilíni, «o som de pequenas campainhas a tocar».